

RESENHA: MÍSTICA FEMININA **O livro que inspirou a revoltadas mulheres americanas¹**

Sandro Luiz Bazzanella^(*)

Danielly Borguezan^(**)

A autora Betty Naomi Goldstein, mais conhecida como Betty Friedan (1921-2006) foi uma importante ativista feminista estado-unidense do século XX e tornou-se uma das principais desencadeadoras da chamada segunda onda feminista no Ocidente. A escritora e ex-dona de casa, divorciada, mãe de três filhos, lançou-se na empreitada em 1957, para investigar o que havia de errado com a mulher americana. Tal empreitada constituiu-se, após um encontro de ex-alunos do Smith College onde estudou, e compartilhou com suas antigas colegas um sentimento que era comum em todas, sintomas de insatisfação em suas vidas domésticas, tanto quanto presentes na autora.

Friedan buscou informações, investigando, portanto, minuciosamente *in loco* através de relatos, entrevistas e questionários aplicados com mulheres casadas, solteiras, universitárias, bem como inúmeros profissionais das mais diversas áreas, além de visitar clínicas psiquiátricas, estabelecimentos de ensino e editores de jornais e revistas, na tentativa de compreensão do que exatamente causava este sentimento de apatia e vazio nas mulheres da década de 50 da sociedade americana daquele contexto.

Desse modo, o livro "The Feminine Mystique" (A Mística Feminina) aborda o papel da mulher na função de dona de casa e suas implicações na sociedade. Muito embora o livro tenha sido escrito sob um recorte espacial e temporal, observando mulheres americanas e seu comportamento em meados da década de 50, a obra continua atual, na medida em que fornece perspectivas analíticas que permitem reconhecer situações similares enfrentadas pelas mulheres cotidianamente.

A contribuição da pesquisa publicada em 1963, mas traduzida para o Brasil em

¹ FRIEDAN, Betty. MÍSTICA FEMININA - O livro que inspirou a revoltadas mulheres americanas. Tradução portuguesa por Editora Vozes Limitada. Rio de Janeiro, 1971.

^(*)BAZZANELLA, Sandro Luiz. Professor de Filosofia; Coordenador do Curso de Ciências Sociais; Docente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado. Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas – Cnpq; Coordenador do Grupo de Estudo em Giorgio Agamben – Universidade do Contestado.

^(**)BORGUEZAN, Danielly. Advogada. Mestre em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas – Cnpq; Membro do Grupo de Estudo em Giorgio Agamben – GEA e bolsista do Programa do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – FUMDES.

1971, reside na compreensão da participação (ou ausência) feminina, sob o manto da “mística”, termo que fora assim intitulado pela autora, na tentativa de esclarecer o reducionismo dado à vida de muitas mulheres.

Vocábulo e, seus desdobramentos sociais, como “emancipação” ou “carreira”, pareciam estranhos e embaraçosos para a maioria das mulheres. O "problema sem nome" ou a “mística feminina” afetava várias mulheres, mas ninguém conseguia identificar sua causa. A partir dos anos 60, inúmeros profissionais, perceberam que o problema tornou-se visível e então, psiquiatras e psicólogos, diante de consultórios repletos de pacientes, puderam concluir, que o sintoma relatado por muitas, tinha em comum o fato das mulheres não terem objetivos, expectativas de vida, além de viverem exclusivamente para suas famílias. Sentiam imenso amor por seus filhos, maridos e suas casas, mas no fundo, reconheciam que não passavam de copeiras, cozinheiras e arrumadeiras. Nesta época, destacou a autora, que muitas importavam-se basicamente com frivolidades e, cerca de 60% das universitárias, por exemplo, abandonavam os cursos por medo de que a cultura adquirida fosse um obstáculo para o casamento. Assim, a maioria das acadêmicas estavam plenamente conscientes que não utilizariam em suas vidas aquilo que estavam estudando, pois, logo seriam mães e esposas.

È interessante perceber que a mística, por sua vez, permitia o anonimato da mulher sem maiores consequências sociais que tal condição implicava. Ou seja, era compreensível e aceito a elas serem apresentadas sempre como “esposa de fulano”, desprovidas de qualquer outra característica, ou própria. Apesar de frustradas, poucas tinham coragem para abandonar marido e filhos ou mesmo a comunidade. Mas com o tempo, a fadiga, o tédio e as doenças surgiam.

Outrossim, apesar do discurso ser conhecido e debatido por longos anos, no que tange a emancipação das mulheres e a igualdade de direitos, observa-se que ainda na atualidade a realidade apresenta-se contrária. Muitas mulheres ainda se reduzem a sombra da atuação de seus filhos ou maridos, mas agora sob o manto de outras justificativas camufladas pela “mística”, que variam desde o cultural, o religioso, o social, ou mesmo práticas atávicas, que limitam suas vidas, vontades e desejos. A mística é sutil, mas forte, capaz de trazer consigo o argumento de que pertence à mulher o espaço doméstico e o enaltecimento de tais atividades, bem como, possibilidades condicionadas a sua anatomia, ou seja, a maternidade. Ainda nesta perspectiva, parece-nos que a “mística” feminina também se impõe pelo modelo dos corpos que se exigem das mulheres, pelos padrões mercadológicos de beleza que à elas é imputado, como se

fosse inerente à mulher expressivos investimentos de tempo e de recursos no cuidado de sua estética corporal, condição necessária à seu reconhecimento e progressão profissional. Ou dito de outra, forma não está em jogo em parte significativa dos casos sua competência, teórica ou prática, mas seus dotes físicos e, a expectativas que tal fato desencadeia no universo masculino, ou de interesses afins.

A leitura da obra é válida em função de sua atualidade no que diz respeito a condição feminina nas sociedades ocidentais contemporâneas, permitindo observar do ponto de vista prático os limites que as mulheres estiveram e muitas ainda estão submetidas e mergulhadas na essência da mística feminina, com justificativas de certo modo "plausíveis" quando verificadas pela autora. Infelizmente a obra, apesar de ser considerada por muitos como um *best-seller*, não foi publicada nos últimos anos, sendo possível o acesso apenas em sortudas garimpadas em sebos.

Ainda nesta direção, Friedan, em sua obra, destaca como as mulheres estavam divorciadas do mundo e só se interessavam pela família, ou com aquilo que girasse em torno desta. Escritores e editores de revistas femininas sabiam do perfil de suas leitoras. Todas são donas de casa e não estavam minimamente interessadas em política, ou em negócios, a menos que estivesse relacionado com alguma necessidade doméstica como o preço de gêneros alimentício, por exemplo.

A mística feminina neste sentido é poderosa, conseguiu adaptar o discurso de que grandes homens tiveram grandes mães e agora precisavam de grandes esposas próximas a eles. Assim, revistas femininas em 1949, publicavam matérias para que suas leitoras estivessem atentas para o fato de que se recebessem uma educação mais requintada, estariam conduzidas a masculinização e, tal condição traria consequências perigosas, seja no lar, nas crianças e em sua própria vida.

O único compromisso da mulher frisava-se na época: seria exercer com primor a mística feminina. A raiz do problema feminino no passado foi de que algumas invejavam os homens e tentavam ser como eles em lugar de aceitar sua própria natureza. Dessa forma, para resgatar seus verdadeiros papéis, matérias eram constantemente publicadas para leitoras femininas (tendo em vista a falta de tempo para leitura de livros), com títulos assim direcionados: "A feminilidade começa em casa", "Tenha filhos enquanto jovens", "Não tenha medo de casar jovem", "Como conquistar um homem", "Devo deixar de trabalhar quando nos casarmos?". Tais matérias conduziam a consideração de que as mulheres não eram apenas donas de casa, mas sim heroínas da lar.

A mística feminina dizia às mulheres, que não há outra maneira de ser heroína, a não ser tendo bebês continuamente e, vivendo desprovidas de qualquer desejo. Tal condição se expressa na dualidade das percepções femininas, de um lado a mulher pura, no alto de um pedestal, o que implica no estereótipo de modelo correto e certo a seguir, em detrimento de outro como a prostituta, símbolo de leviandade, de desejos carnavais, a ser evitado.

Portanto, na intenção de limitar a atuação feminina e permitir a expansão masculina, era anunciado para todas e, em especial para àquelas que permitiam receber até mesmo ajudas esporádicas de seus companheiros nas tarefas domésticas, severas censuras. Isto é, homens com capacidade para liderar o mundo, para serem estadistas, físicos ou poetas, não poderiam estar ocupados com limpezas de louças, ou envolvidos na troca de fraldas. Ou seja, a participação e contribuição feminina é de suma importância, para o sucesso do companheiro e, conseqüentemente da família. Sua função e papéis a serem desempenhados não eram de todo “um vazio” como num primeiro momento poderia ser interpretado, com passividade na esfera social, mas havia uma forma peculiar para contribuir com o crescimento e evolução de toda uma sociedade.

Para as mulheres que fugiam ao modelo da mística e poderiam de algum modo influenciar as demais, como poetisas, artistas de cinema e teatro, as revistas destacavam em suas matérias, somente a rotina doméstica que desempenhavam. Ou seja, se cozinhavam, suas receitas preferidas, como administravam a casa, entre outros afazeres domésticos e de forma alguma enalteciam suas atividades laborais.

Percebe-se assim, que o tema e o conteúdo a ser publicado era alvo de muita atenção dos editores para controle e disseminação da mística. A participação da mulher na política, por exemplo, era e é de fundamental importância. Diziam os escritores, que esta deveria ocorrer nos bastidores, ou seja, a ela era divulgado, escrito e publicado, que sua participação deve ser feita através de seu papel de esposa e mãe, onde a mulher culta tem o poder ímpar de influenciar o marido (sob o espaço doméstico); o único problema é que muitas não percebiam este verdadeiro papel e sua real importância, razão pela qual alguns homens afirmavam não desejar vocação melhor do que esta conferida às mulheres.

Sob a influência das revistas, portanto, o "problema" até então sem nome de que muitas mulheres se queixavam, ou seja, de suas insatisfações pessoais, poderia ser facilmente resolvido, segundo as leituras em revistas a elas direcionadas: novos filhos,

novas tinturas para o cabelo, ou bordados que exigiam infinita concentração. O paradoxo segundo a autora, é que finalmente agora todas as profissões estão à disposição do público feminino e, todos os papéis na sociedade moderna lhe estão ao seu alcance, contudo, muitas insistem em limitar sua existência num só papel.

A propósito, destaca a autora, o fato de muitas mães orientarem suas filhas, aconselhando-as a buscar algo que trouxesse realização pessoal, para além da atividade doméstica e da vida dedicada ao marido e filhos, mas a percepção das filhas foi de que suas mães fracassaram em suas "missões" e, por isso estavam decididas a traçar o mesmo caminho delas, mas desta vez iriam acertar onde suas mães erraram. Assim, muitas meninas torciam para logo "serem escolhidas" por seus maridos para desempenharem seguramente tais funções, o que foi revelado em entrevistas.

Por outro lado, outras de fato não gostariam de replicar o modelo passivo de suas mães e até reconheciam que não tinham objetivos pessoais, mas simultaneamente a isso, também argumentavam, que outro modelo ou exemplos tinham? Profissionais de diversas áreas como sociólogos, psicólogos, analistas, educadores, alertavam para o fato de que boa parte do problema feminino adveio da informação distorcida que poderiam crescer livres a ponto de concluírem que estavam em plano de igualdade com os homens e, por isso podiam frequentar cursos universitários, residir sozinhas e ter a sensação de poder realizar o que bem entendessem com a mesma liberdade dos rapazes. Tais compreensões equivocadas por parte das mulheres derivou uma crise a qual não estavam preparadas para enfrentar: o medo de crescer, o medo da liberdade e de não adaptarem-se ao constituírem suas famílias.

Conclui Bety Friendam, que viver de acordo com a mística supõe uma reversão da história e uma desvalorização do progresso humano. Muitas mulheres foram "adaptadas" ao espaço doméstico, não nos moldes de um sistema autoritário como fizeram os nazistas, gritando ou dando ordens diretas, mas, por instrumentos dolosos e, martelados pelo marketing, pelas propagandas, pelos produtos e suas obsolescências programadas com a finalidade de estabelecer um falso prestígio e necessidade da mulher à família.

Por mais tempo e influência que práticas de atavismos, revistas femininas, a mídia ou educadores tenham contribuído para a inserção da mulher somente no espaço doméstico, é possível superar os erros que perpetuaram a mística. Nesta direção é importante que toda mulher que aspira a autonomia precisa enfrentá-los, nos preconceitos, nos temores, e desnecessários dilemas manifestados por maridos, amigos,

padres, rabinos e até mesmo por vizinhos. Nesse sentido, não é aceitável que a mulher tenha—que optar, por exemplo entre uma vida familiar, com marido e filhos em detrimento de uma carreira e uma profissão. A imagem da incompatibilidade dos papéis é reflexo novamente da mística.

Para evitar possíveis aumentos de divórcios, doenças mentais, depressões, suicídios, infelicidades e outras variáveis do gênero, é necessário despertar as "belas adormecidas" e levá-las a evoluir e viver a própria vida, só assim a mística poderá ser minimizada senão destruída. E não se trata simplesmente de uma acusação contra a vontade e as práticas masculinas de domínio, mas de reconhecer na dialética do “senhor e do escravo” (Hegel) de que reside no escravo passividade suficiente para obedecer ao senhor, e ainda de quem em todo escravo reside a vontade de ser senhor, reproduzindo a lógica da dominação naqueles que lhe são subordinados.